



Militante

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

6 MESES DE LUTAS DA CLASSE OPERÁRIA SEMPRE PARA DIANTE POR AUMENTO DE SALÁRIOS

Por AMILCAR

Analizando a situação da classe operária e restantes trabalhadores, em 8 de Dezembro de 1958, a Comissão Política constatava muito justamente:

«A crise económica em que se debate o nosso país está pesando duramente sobre as classes laboriosas da nação.

«No momento presente a economia nacional arrasta-se num profundo marasmo; as mais modestas economias desaparecem na voragem dos monopólios; alastra como nódoa de azeite a miséria e o desemprego entre o operariado industrial e agrícola...»

Mas, a Comissão Política do nosso Comité Central não se limitou a analisar e a constatar a situação, ela apontou algumas medidas que, uma vez postas em prática, permitiriam melhorar rapidamente a situação económica do país e proporcionar imediatamente um aumento geral de salários substancial. Eis algumas das medidas então apontadas:

«... Reduzir os lucros da oligarquia financeira, acabar com a imoralidade de se ver um reduzido punhado de monopolistas ganhar fortunas colossais, enquanto o povo se definha e pauperiza.

«... Reduzir os gastos extraordinários com os preparativos de guerra e a repressão.

«... rever a política tributária, distribuir mais equitativamente a carga dos impostos, fazendo pagar mais a quem tem mais, libertando das contribuições os trabalhadores e outras classes de modestíssimos recursos.

«... acabar com a discriminação do nosso comércio externo que rouba aos nossos produtos de exportação os ricos mercados dos países socialistas».

Naturalmente que a Comissão Política sabia que o governo de Salazar não consentiria por vontade própria num aumento geral de salários e que se oporia, enquanto pudesse, a que os patrões chegassem a um acordo com os trabalhadores com vista a um aumen-

to. Por isso, ao mesmo tempo que mostrou às massas trabalhadoras a situação, a Comissão Política indicou-lhes o caminho da luta como o único a percorrer para alcançarem uma melhoria das suas condições de vida.

Na sua reunião de Janeiro passado, o Comité Central do nosso Partido confirmou e melhorou a análise e orientação da Comissão Política. Ao constatar o agravamento das condições de vida dos trabalhadores, o Comité Central mostrou-lhes que isso se devia fundamentalmente à política anti-operária seguida por Salazar e a sua camarilha através de mais de 30 anos de governo. Apontadas algumas das causas, o Comité Central apontou o remédio: «**unir e organizar a classe operária e restantes trabalhadores para as batalhas difíceis por aumento geral de salários, jornas e ordenados**».

LUTAR E SEMPRE LUTAR

Pela sua própria e duríssima, mas rica experiência, a classe operária e restantes trabalhadores compreendem cada vez melhor que têm de percorrer um tal caminho para evitar que a miséria aumente nos seus lares. Por esta razão, são cada vez em maior número os trabalhadores que seguem as palavras de ordem do nosso Partido, que assume assim novas e maiores responsabilidades.

Dando prova de uma admirável intuição, aprendendo com grande rapidez no fogo da luta, a classe operária e restantes trabalhadores têm sabido encontrar, em muitos casos, as formas de luta e de organização mais indicadas para cada caso concreto e circunstância dada.

Os últimos 6 meses, como o «Avante!» tem noticiado, foram assinalados por toda uma série de lutas da classe operária e restantes trabalhadores de carácter económico, social e político em que participaram dezenas de milhares de trabalhadores da cidade e do campo. Foram os trabalhadores dos transportes colec-



tivos do Porto, os operários da Carris de Lisboa, os padeiros do Porto e Lisboa, os metalúrgicos de Lisboa, Porto, Braga, Guimarães, Viana do Castelo, Santarém, etc., os ferroviários de todo o país, os vidreiros da Marinha Grande, têxteis de Guimarães e de Lisboa, os mineiros de Aljustrel, S. Domingos, Valbom, os portuários de Leixões e Porto e os operários agrícolas de Alpiarça e de várias localidades do Alentejo, os motoristas e trabalhadores dos produtos químicos de Lisboa e arredores, os pescadores de bacalhau de todo o país e dos heróicos pescadores de sardinha de Matosinhos, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Ajurada e Murtosa, dos médicos e dos professores do ensino particular, as leiteiras do Porto e os papeleiros da Abelheira, dos tipógrafos de Lisboa e de outras localidades, os operários das pedreiras de Careque, Pero Pinheiro e Zona de Cascais, etc., etc., — todos, desde as simples exposições, assinadas ou não, passando pelas diligências das Comissões de Unidade junto dos patrões, dos sindicatos e das autoridades até às concentrações massivas nas empresas e nos sindicatos ao trabalho lento e à greve, a tudo têm recorrido para conseguirem impor algumas das suas reivindicações mais imediatas.

Neste artigo apenas nos queremos referir a algumas lutas de carácter económico que consideramos mais importantes.

OS PORTUÁRIOS DE LEIXÕES E PORTO

Logo em Dezembro de 1958 os portuários de Leixões e Porto reclamaram através do seu sindicato aumento de salários e um novo contrato colectivo de trabalho. Face à recusa terminante do Ministro das Corporações, os portuários orientaram imediatamente a luta para junto do patronato, a quem apresentaram directamente as suas reivindicações. Encontrando também a oposição dos patrões aos seus justos pedidos, os trabalhadores dos portos de Leixões e Porto passaram muito correctamente a um tipo superior de luta, ao trabalho lento e, por vezes, a pequenas paralizações para vencerem a resistência do patronato.

Pressionando sempre a direcção do seu sindicato para defender e pugnar pelas reivindicações da classe junto do governo e do patronato e continuando com o trabalho lento num admirável espírito de unidade e combatividade durante cerca de três meses, os portuários acabaram por obter a vitória: 30% de aumento de salários e outras regalias. Três meses depois, ou seja, em 8 de Junho passado, as regalias conquistadas eram consignadas num novo contrato colectivo, outra das aspirações dos portuários.

Quando da assinatura do contrato todos puderam verificar com os seus próprios olhos a verdadeira face do demagogo ministro das Corporações, que pretendendo fazer esquecer o aparato repressivo com que rodeou a luta dos portuários e esconder vergonhosamente que foi devido a essa luta, dura e prolongada, e só a ela, que os patrões que ele serve tiveram de ceder, gritou que jamais cederia a pressões de qualquer espécie. O ministro das Corporações fez-nos lembrar a história daquele fanfarrão que sempre que

apanhava uma grande sova dizia para o adversário: «Toma lá que é para aprenderes...»

OS MINEIROS DE ALJUSTREL

A luta destes valentes trabalhadores do Subsolo tem sido uma luta heróica. Trabalhando em duras condições eles são dos trabalhadores mais mal pagos. Em Fevereiro numa grande concentração no sindicato com a sua Comissão de Unidade à frente, eles reclamaram o aumento retroactivo de 1\$00 por dia prometido por um dirigente da mina há meses. Este simples facto mostra a resistência dos patrões estrangeiros, apoiados criminosamente por Salazar, e, portanto, quanto é difícil toda a luta que os valentes mineiros são obrigados a travar para não se deixarem matar pela fome.

Resolvido o problema de 1\$00, os mineiros, que não chegam a ganhar em média 30\$00, apresentaram o pedido de aumento de 15\$00 diários para fazerem face ao crescente aumento do custo de vida. Muito justamente eles procuraram por meio de diligências e concentrações consecutivas no seu sindicato e no largo da vila, levar a direcção deste a defender, a apoiar e a lutar juntamente com eles pelo aumento pedido.

Longe de encontrarem a compreensão do ministro das Corporações, que fala constantemente na defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores, estes puderam ver que ele defendia e defende sim, os interesses egoístas dos monopolistas estrangeiros. Em vez de mesmo simples promessas de estudo do problema, ameaças de repressão violenta, eis a resposta do I.N.T. e dos donos da mina. Tendo o apoio da população e dando provas de grande combatividade e persistência, os mineiros procuraram sempre obter o aumento sem recorrer a formas superiores de luta. Juntamente com os seus companheiros da mina de S. Domingos, eles enviaram uma exposição subscrita por cerca de 1.500 aos dirigentes da mina, ao Sindicato e ao I.N.T. expondo a sua situação de miséria e mostrando o quanto seria ainda modesto o seu salário com os 15\$00 de aumento que pediam.

Ante a recusa terminante a qualquer aumento e a ameaça de repressão, os mineiros não tinham outro caminho a seguir senão o de passarem a uma forma superior de luta, embora continuassem a pressionar por meio de concentrações a direcção do Sindicato no sentido de esta pugnar pelas reivindicações dos mineiros. Foi o que eles muito justamente fizeram passando a fazer «cera» do que resultou terem feito baixar a produção para cerca de metade.

Durante meses os mineiros, não obstante todas as pressões e ameaças, mantêm-se na luta sem cederem um palmo. Procurando quebrar a sua resistência, os patrões despedem alguns, mas são forçados a recuar imediatamente ante a ameaça de todos irem para a greve.

Vendo a firmeza dos mineiros, os patrões, estrangeiros, apoiados inteiramente pelo I.N.T., procuram então um estratagemma para os enganar e manietar, que consistiu em oferecerem a assinatura de um contrato colectivo de trabalho, mas com a condição de não haver mais salário mínimo, de passarem apenas a receber X

por cada vagão de minério arrancado. Por este seu processo procuravam tornar nula a importante arma do trabalho lento quando usada convenientemente.

No momento em que estrevemos chegam-nos a notícia de que o governo de Salazar enviou contra os mineiros um numeroso bando de agentes da PIDE, P.S.P. e a G.N.R. que com despedimentos, prisões e sob ameaça das metralhadoras, procura forçar os mineiros a voltar ao ritmo de trabalho anterior sem primeiro atenderem as suas justas reivindicações.

Qualquer que seja o resultado imediato da luta, estamos absolutamente certos de que, mesmo um pouco mais tarde, o resultado dela será positivo. Para já, ela deu aos mineiros uma rica experiência, mostrou-lhes o quanto é preciso, mesmo indispensável, a organização de Comissões de Unidade em todas as secções da mina, um comando firme e autaz (que não pode ser outro senão a organização do Partido) que oriente e coordene a luta em todas as suas formas e que saiba ordenar a ofensiva e também a retirada organizada nas condições aconselháveis, e a manutenção em todas as fases da luta, da unidade combativa da grande maioria dos mineiros — mostrou-lhes que Salazar e o seu governo servem apenas os interesses dos monopolistas.

A organização do Partido da região acompanhou e ajudou, como era seu dever, desde o princípio os heróicos mineiros em luta. Quere-nos parecer, entretanto e desde já, que ela não soube ou não foi capaz de orientar convenientemente os mineiros de toda a região para secundarem a luta dos seus companheiros de Aljustrel, uma vez que os seus problemas eram os mesmos, e as massas trabalhadoras da região e o comércio local contra a repressão e em apoio dos mineiros em luta.

Por outro lado terá havido uma certa rigidez táctica que convém discutir e rectificar com rapidez. Cabe-lhes pois, analisar todo o desenvolvimento da luta e transmitir depois a todo o Partido, através de «O Militante», as conclusões dessa análise.

OS METALÚRGICOS

Em Lisboa, Porto, Braga, Viana do Castelo, Guimarães, Santarém, etc., os metalúrgicos «empurrados pela fome» lançaram-se na luta por aumento de salários.

A característica fundamental desta luta tem consistido em os metalúrgicos terem orientado a sua acção quase exclusivamente para os sindicatos, o que sem dúvida nenhuma lhe deu um carácter largo. Mas só por si não é suficiente, necessita de ser sempre coordenada com a acção junto dos patrões na empresa. Representantes Sindicais de muitas empresas de Lisboa (Sorefame, A. Alves, Florescente, D' Argent, Parry & Son, Electro-Arco, Carris, Estaleiros da CUF, Nacional de Navegação, Colonial de Navegação, Sociedade Geral, Argibay, Metalúrgica de Benfica, A. Silva, CEL, Refinaria Colonial, Lâmpadas Lumiar, etc., etc.) dirigem-se várias vezes ao sindicato acompanhados por centenas de metalúrgicos e aí discutirem com a direcção o problema dos salários, acordando depois de

várias reuniões em apresentar um pedido de 20\$00 de aumento por dia com escala móvel, trabalho garantido ou subsídio em caso de desemprego, etc.

De princípio, os dirigentes do Sindicato mostraram-se completamente de acordo com as reivindicações, acordadas pelos metalúrgicos. Mas depois começaram com delongas e a tentar impedir a ida dos metalúrgicos ao Sindicato. Para isso, os dirigentes do Sindicato passaram a recebê-los acompanhados pelo consultor jurídico que, em vez de defender os seus interesses, pois para isso é pago com o dinheiro dos metalúrgicos, entrou no caminho das ameaças e das provocações.

Quere-nos parecer, que a mudança da posição dos dirigentes do Sindicato foi devida, no fundamental, a intimidações do Ministério das Corporações. Apesar de tudo, os metalúrgicos não devem, do modo nenhum, deixar de ir em massa ao seu sindicato discutir os problemas da classe e tudo fazerem aí para levar a direcção a secundar os seus pedidos, parcial ou totalmente.

Em Braga, a totalidade dos metalúrgicos têm feito reuniões, escolhido as suas Comissões de Unidade e realizado concentrações junto do Sindicato lutando por aumento e por um novo contrato colectivo. Outro tanto sucedeu no Porto. Tanto em Braga como no Porto, em vez de encontrarem as direcções dos sindicatos para tratarem em conjunto da acção a empreender para obterem a satisfação das suas modestas reivindicações, encontraram os sindicatos ocupados pela polícia. Não se intimidando, os metalúrgicos de ambas as cidades, elegeram em verdadeiras assembleias de rua as suas Comissões de Unidade. No Porto mais de 700, uma vez que não podiam entrar no sindicato, dirigiram-se em manifestação até ao «Jornal de Notícias» a quem pediram para tornar públicas as suas reivindicações. Claro que a censura não permitiu que tal se fizesse.

Tanto no Porto como em Braga, os metalúrgicos aliam a sua luta por aumento de salários, a luta pela demissão de Salazar, mostrando assim uma elevada compreensão de que a solução cabal dos seus problemas económicos exige profundas modificações políticas e que no momento presente o maior obstáculo ao aumento pedido para os trabalhadores fazerem face ao aumento crescente do custo de vida, é Salazar.

No Porto a acção dos metalúrgicos foi temporariamente retardada em consequência da brutal repressão que o governo fez cair sobre os metalúrgicos. Nos outros lados a luta continua a desenvolver-se visto que o governo e alguns patrões continuam surdos aos pedidos dos metalúrgicos.

Esta situação exige portanto, a intensificação da luta junto dos sindicatos à escala nacional e a passagem imediata à acção nas empresas, junto do patronato.

A experiência da própria luta em curso, mostra que lá onde os metalúrgicos aliam a luta no sindicato à luta na empresa obtiveram já alguns aumentos, como são os casos de Alfredo Alves, da Metalúrgica da Damaia, etc.



Por outro lado importa remediar uma grave deficiência que se tem verificado na luta em curso e que consiste em os metalúrgicos não terem escolhido e eleito Comissões de Unidade suficientes para orientarem e coordenarem a luta pelo aumento tanto junto dos sindicatos como nas empresas. Sem organização, por deficiente que seja, é praticamente impossível travar uma luta com probabilidades de êxito.

As células do Partido nas empresas metalúrgicas, cabe o papel decisivo na orientação e organização da luta. Elas deverão fazer imediatamente um balanço do caminho andado, analisar todo o seu trabalho com espírito crítico e tomarem medidas práticas para a luta ir para diante, até os metalúrgicos obierem aumento de salários.

OS FERROVIÁRIOS

Por meio de algumas concentrações nos seus sindicatos e por exposições assinadas por milhares, os ferroviários de todo o país vêm reclamando também aumento de salários e ordenados. Quer dizer, todos os ferroviários estão interessados em melhorar as suas desgraçadas condições de vida. Certamente que a luta para o conseguirem não é fácil, é mesmo muito difícil, mas merece ser travada se os ferroviários não querem ver a sua situação económica piorar mais ainda. A exposição e as diligências junto dos Sindicatos são formas de luta a pôr em prática diariamente e devem continuar, mas para terem alguma força elas devem corresponder à importância da classe, quer dizer, as exposições devem reflectir os interesses de toda a classe e não apenas deste ou daquele sector. É uma única empresa a explorar dezenas de milhares de trabalhadores, devem ser todos, pois, a lutar unidos pela satisfação das suas reivindicações. E, assim, em vez de 1.000 assinaturas dos empregados de escritórios e de 1.000 dos ferroviários de Campanhã pedindo aumento, poderíamos ter 10, 15 ou 20.000 de todos os ferroviários.

Quanto aos sindicatos, o governo e a CP tiveram o cuidado de criar vários para melhor dividir os ferroviários. Nestas condições, para darem maior força à luta pelas suas reivindicações são necessárias concentrações simultâneas em todos os sindicatos da C.P., não apenas com 100, 200, 300 ou mesmo 500 ou 600, mas maiores que reflectam a importância relativa de cada um dos sectores da C.P.

Mas será isto suficiente? O mais provável é que não seja, pois tanto o governo, que é como se sabe o principal dono da C.P., como a empresa não cedem de vontade própria. Eles sabem muito bem que os salários dos ferroviários são baixos. Então que fazer? Passar a actuar também directamente junto da empresa, por concentrações nas secções e junto da direcção geral. Será a luta travada nas várias frentes e elevada a formas superiores como trabalho lento, paralizações curtas e à greve de mais ou menos duração que levarão os ferroviários a obter o aumento.

Isto exige certamente um mínimo de organização e, em primeiro lugar, organização do Partido em todos os sectores da C.P.

A GREVE DOS PESCADORES

A greve heróica dos pescadores de Matosinhos, Póvoa do Varzim, Vila do Conde, Afurada e Murtosa, que na altura que escrevemos, se prolonga há dois meses, é a expressão máxima, no momento actual, da combatividade dos trabalhadores portugueses em luta por aumento de salários.

Uma greve de mais de 6.000 pescadores durante dois meses, tem, nas condições do fascismo, uma importância extraordinária.

Em primeiro lugar, porque mais uma vez, e de forma brilhante, pela sua longa duração, se rompeu com a ilegalidade do salazarismo que, como é sabido, proíbe as greves por lei. O exemplo dos pescadores não deixará de frutificar entre todos os trabalhadores portugueses que saltando também por cima da ilegalidade fascista recorrerão à greve sempre que o governo e o patronato se mantenham surdos aos seus justos pedidos de melhoria das suas condições de vida.

Em segundo lugar, porque os valentes pescadores têm resistido heróicamente a todas as tentativas do governo e dos grandes armadores em os dividir e os reduzir pela fome. Num país como o nosso, onde toda e qualquer campanha de solidariedade das classes trabalhadoras para com companheiros seus em luta é reprimida ferozmente e em que, por mais que se faça, o auxílio económico é sempre insuficientíssimo, a resistência heróica dos pescadores e dos seus familiares, ao mesmo tempo que causa a admiração de todos, mostra que mesmo nas piores condições é possível lutar contra os nossos exploradores. Continuando em luta mesmo depois do esgotamento (alguns pescadores tiveram de ser hospitalizados por terem caído inanimados pela fome) os pescadores de Matosinhos, forçaram, mais uma vez, Salazar e a sua camarilha de monopolistas sem-pátria a mostrar a sua verdadeira face de inimigos dos trabalhadores.

As variadas acções em defesa da sua unidade levadas a efeito pelos pescadores e seus familiares por meio de reuniões, concentrações nos armazéns dos armadores, na Capitania e Casa dos Pescadores de Matosinhos, fez fracassar todas as tentativas do governo de Salazar em manter a greve desconhecida dos trabalhadores e do povo português.

Dadas as características fascistas do governo e do regime português, uma tal greve, não devemos hesitar em o afirmar, tomou mesmo um alcance internacional.

Embora não se podendo tirar já conclusões mais ou menos definitivas por desconhecimento do final da luta e dos resultados atingidos, parece-nos ser justo, entretanto, apontar desde já algumas deficiências verificadas no decorrer da greve.

A primeira consistiu, quanto a nós, em os heróicos pescadores considerarem de princípio, que seria mendigar se fossem em massa junto dos armadores, das autoridades marítimas e das Casas dos Pescadores exigir a satisfação rápida dos seus modestos pedidos para irem para o mar. Os pescadores consideravam que eram os patrões que precisavam deles e não eles dos patrões. É verdade que se os pescadores não

pescassem os armadores não poderiam sequer existir. É verdade que os pescadores, juntamente com todos os outros trabalhadores, podem muito bem passar sem os patrões, mas isso só sucederá quando a classe operária e restantes trabalhadores, depois de mil e uma lutas várias, tomarem conta do poder político. Nas condições do capitalismo, é necessário ter em conta que os trabalhadores para viverem têm de trabalhar para os capitalistas, têm necessidade de conduzir contra eles uma implacável luta de classes até os liquidarem como classe. Mas, está claro, têm necessidade de lutar sempre por melhores condições de vida e para isso negociarem com o patronato para não serem reduzidos pela fome.

A segunda consistiu em os pescadores não considerarem necessária qualquer organização, pois, segundo diziam, estavam sempre juntos, actuariam sempre juntos, etc. Realmente tem sido admirável a forma rápida como os valentes pescadores têm actuado sempre que o governo e os armadores têm tentado matricular alguns para desta forma os dividir e quebrar assim a sua resistência. Eles têm criado verdadeiros piquetes massivos de greve em que as suas mulheres e filhos têm participado de uma forma activa. Por outro lado os pescadores nunca perderam a ligação uns com os outros apesar de concentrados em várias localidades. Tudo isto representa sem dúvida nenhuma, digamos, a sua própria organização, mas tem faltado um comando único, por exemplo, uma Comissão Geral gozando da confiança de todos e várias Comissões de Unidade Locais, e simultaneamente, dado o carácter ilegal da greve, um Comité de Greve Regional e vários comités de greve locais actuando fora das vistas do inimigo.

Quere-nos parecer que se tivesse sido possível existir desde o princípio um comando único, a greve teria tomado também desde o primeiro dia um carácter activo por meio de concentrações, o que tornaria imediatamente a greve conhecida de todos, justamente o que o governo e o grande patronato não queriam. Se assim tivesse sucedido talvez o desfecho da greve fosse mais rápido.

A organização do Partido da Região que acompanhou passo a passo a luta desde o primeiro dia não deixará de tirar todas as conclusões e transmitir rapidamente ao Partido e às massas trabalhadoras toda a riquíssima experiência colhida.

Um aspecto muito importante de algumas das lutas travadas nos últimos 6 meses ou que se processam no momento em que escrevemos, está na continuidade do seu desenvolvimento, na insistência dos trabalhadores em levar a luta sempre para diante passando de formas simples a formas superiores. A insistência na luta e a aplicação de novas formas sempre que a situação o exige, tem trazido quase sempre a vitória aos trabalhadores, ainda que em muitos casos parcial.

Foi essa insistência durante meses e até anos que acabou por dar a vitória aos 2.900 trabalhadores dos Transportes Colectivos do Porto, aos 300 metalúrgi-

cos de Alfredo Alves, aos operários da Metalúrgica da Damaia, aos 4.500 pescadores de Bacalhau, aos operários agrícolas de Alpiarça, etc., etc.

Um outro aspecto a salientar é que em muitos lados os trabalhadores reclamam aumento com escala móvel, quer dizer, sempre que aumente o custo de vida os salários deverão aumentar em igual proporção e simultaneamente.

É de realçar também o facto de os trabalhadores terem passado a servir-se com mais insistência e maior largueza dos sindicatos na luta pelas suas reivindicações, o que contribuirá, sem dúvida nenhuma, para aproximar mais os trabalhadores uns dos outros, para fortalecer e alargar mais a sua unidade e ampliar a luta em todos os locais de trabalho por aumento de salários e pela liberdade sindical.

INSISTIR NA LUTA POR AUMENTO DE SALÁRIOS

As condições de vida das massas trabalhadoras longe de melhorarem pioram a cada dia que passa. Pioram porque o custo de vida sobe constantemente, enquanto que os salários e ordenados aumentam muito lentamente e mesmo assim à custa de dura luta dos trabalhadores, ou, como foi o caso do funcionalismo, quando a camarilha governante, recedendo uma explosão, se apressa então a ceder umas migalhas.

Quando do aumento do funcionalismo público, Salazar e a sua camarilha gritaram aos 4 ventos que se impediria, por todas as formas, a alta do custo de vida.

Que se verificou, entretanto? Aumentou a carne, o leite, o tabaco, o peixe, a hortaliça, etc. O aumento dado ao funcionalismo foi quase anulado passados poucos meses.

E não que respeita a mais de 2 milhões de operários industriais e agrícolas e empregados? Dado que para estes não houve sequer uma promessa de aumento futuro, as dificuldades aumentaram, a miséria e a fome penetraram mais ainda em muitos lares de trabalhadores.

No seu último discurso Salazar não abriu nenhuma perspectiva económica longe de prometer melhoria substancial da vida, falou em mais sacrifícios para as massas trabalhadoras. Para os grandes tubarões da finança, indústria, comércio e agricultura lucros cada vez maiores. Em 1958, apenas 32 bancos e empresas diversas tiveram de lucros líquidos confessados a linda soma de 768.213 contos.

É fora de dúvida, pois, que tal situação coloca à classe operária da cidade e do campo, a todos os trabalhadores manuais e intelectuais a necessidade inadiável de intensificarem e alargarem a sua luta à escala nacional por aumento de salários, jornas e vencimentos se não quiserem estoirar de fome.

Ao Partido, aos comunistas cabe a grande responsabilidade de orientar os trabalhadores, de os ajudar em todos os momentos e situações a organizar a sua luta sagrada por melhores condições de vida na empresa, na localidade, na região e à escala nacional; nos Sindicatos, nas Casas do Povo e dos Pescadores — pela demissão de Salazar.

A LIGAÇÃO DO PARTIDO ÀS MASSAS

**GES
PCP**

E AS GREVES POLÍTICAS

Por FERNANDO

As greves políticas que se deram no nosso país como protesto contra a burla eleitoral de 8 de Junho de 1958, representam também um esforço que todos nós, comunistas, desenvolvemos. Se fizermos um estudo atento dos informes apresentados pela Comissão Política ao Comité Central do nosso Partido, verificamos que houve camaradas que ficaram à quem das resoluções traçadas pela direcção do Partido a 9 de Junho. Nos informes são apontadas as deficiências desses camaradas, por forma clara e são justas as críticas que se lhes fazem.

Neste artigo, quero referir-me a dois casos concretos, em que alguns camaradas provaram que não tinham confiança nas massas.

Em determinada localidade o camarada controlreiro discutiu com vários camaradas de certa empresa sobre a possibilidade dos trabalhadores dessa mesma empresa entrarem em greve e a importância que isso teria, dado que essa empresa era a mais importante da localidade. Os camaradas diziam que não havia condições para tal, porque—diziam eles—os operários tinham medo e não se mostravam dispostos a lançarem-se numa greve. Tendo em conta a opinião destes camaradas, ficou assente recolherem-se assinaturas, no dia 1 de Julho, de protesto contra as eleições-burla. Porém, como dois dias antes se tinha feito intensa agitação com o manifesto «As Eleições Foram Felseadas», assinado pela Comissão Política do C.C. a 18 de Junho de 1958, e como esse manifesto expressava os interesses da classe operária, no dia 30 de Junho os operários da construção civil dessa localidade lançaram-se na greve, arrastando atrás de si os operários da cidade empresa, mas estes só estiveram nesse dia em greve, porque houve camaradas nossos que no dia 1 de Julho se apresentaram logo ao trabalho, cortando assim a possibilidade que havia para que no dia 1 de Julho o comércio local entrasse também em greve.

Também numa outra zona, onde há operários e assalariados agrícolas, o camarada responsável discutiu com vários camaradas sobre a possibilidade dos operários da principal empresa local entrarem em greve, visto ser muito grande o descontentamento entre os operários. Porém os camaradas responsáveis dessa localidade diziam que não havia condições para irem para a greve, em particular os operários, porque—diziam eles—não estavam unidos. Pensou-se em promover reuniões de massas, no que os nossos camaradas concordaram, mas pensavam que para isso seria necessário virem camaradas de outros lados, para assistirem às reuniões. Fizeram-se essas

reuniões e, a uma delas, foram dois camaradas controlreiros. Em ambas as reuniões se falou das greves que se estavam a dar por todos os lados no nosso país e qual o seu objectivo, e quanto à necessidade dessa zona entrar em greve do dia 14. No dia indicado os operários foram para a greve, tendo cerca de 400 operários agrícolas paralizado também o trabalho nesse mesmo dia. No dia 17, 250 operários secundaram a greve dos outros operários e assalariados agrícolas, num conjunto de mais de 750 pessoas.

Estes dois exemplos provam-nos bem como os trabalhadores estão dispostos a lutarem contra a camarilha salazarista, como muitas vezes são os nossos próprios camaradas que subestimam a disposição de luta das massas e a importância política dessa luta.

Porque se dará isto, camarada? Porque em não havendo ligação com as massas, não poderá haver confiança nas massas e vice-versa.

A conclusão imediata a tirarmos destes factos é que se impõe que nos saibamos despir de todo o sectarismo, que não devemos dizer que são as massas que têm medo e que não querem lutar, porque, como vimos através destes dois exemplos bem concretos, as massas deram-nos uma grande prova de confiança no seu partido, o Partido Comunista Português.

Lénine e Stáline ensinaram-nos e ligarmo-nos às massas e a auscultar o sentir das massas: Sem um Partido que saiba auscultar o estado de espírito das massas e exercer uma influência sobre estas, é impossível levar a cabo eficazmente a luta. O Partido não pode dirigir a classe se não estiver ligado às massas sem-partidos, se não houver um contacto directo entre ele e estas últimas, se essas massas não aceitarem a sua direcção, se o Partido não gozar perante elas de crédito moral e político. O Partido deve por-se à frente da classe operária, deve ver mais longe do que ela, deve arrastar consigo o proletariado e não marchar atrás do espontâneo.

Para fortalecermos as nossas ligações com as massas é preciso que promovamos desde já reuniões massivas de trabalhadores, quer da cidade quer do campo, e aí assentarmos nas reivindicações a pedir, como sejam, por exemplo agora: um salário mínimo compatível com o aumento de custo da vida, melhores condições de trabalho, luta contra o desemprego, etc.

Podemos ter a certeza que se lutarmos todos unidos contra a camarilha governante, que teremos no nosso país, mais Pão, Paz e Trabalho para todos.

PASSIVIDADE E AVENTUREIRISMO

Por CARLOS

Duas atitudes movidas por uma mesma razão — a falta de confiança nas massas

As acções de massas desencadeadas a propósito da última campanha eleitoral e, depois desta, a propósito da burla eleitoral, deixaram na evolução política do nosso país, algumas marcas essenciais.

Para a opinião pública nacional e mundial, para os próprios salazaristas, ficou claro que o regime imposto ao país há longos 33 anos, não tem qualquer apoio de massas. A base em que assenta tem de ser, por isso, uma repressão que atinge todas as actividades, total, terrorista.

Foram essas acções de massas, as mais importantes acções anti-salazarista do nosso povo, que provocaram a grave crise que o regime atravessa e abriram aos portugueses novos alicios e novas perspectivas para a sua libertação.

Fez um ano que se realizou o acto eleitoral. E durante todo este tempo a grande massa dos portugueses se tem posto: Que fazer agora? Como caminhar para a frente? Como conseguir acabar com o terror e a exploração salazaristas?

As respostas dadas a estas perguntas têm sido diversas. Em Fevereiro deste ano, a Comissão Política do Comité Central do Partido analisou, num documento, as diversas posições, criticando em especial os que se colocam numa posição de expectativa e os que defendem o recurso a golpes militares separados de qualquer acção popular.

Tais concepções, defendidas em geral por elementos da burguesia, que não creem ou não desejam a acção das massas, infiltram-se também dentro do nosso Partido, dentro da classe operária.

Convém, por isso, dentro do próprio Partido, discutir e ouvir bem o que os camaradas pensam sobre o caminho a seguir, para que a orientação traçada pelo Comité Central do Partido seja conscientemente defendida por todo o Partido, para que todo o Partido seja ganho para a justa linha de massas que defendemos.

A unidade de pensamento é fundamental para levar o Partido como um bloco, para a realização das suas tão importantes tarefas.

A passividade e o aventureirismo

Na verdade sucede que existem ainda camaradas que, dando ouvidos a uma política aventureira soprada por certos elementos da burguesia, não estão de acordo com a análise feita pela Direcção do Partido sobre a actual situação política e com a orientação traçada.

Há camaradas que, apesar dos passos andados, das evidentes dificuldades que existem dentro do regime e das actuais perspectivas da luta do nosso povo, não desligadas da evolução da situação política internacional tão favorável às forças democráticas, pacíficas e socialistas, há camaradas, dizíamos, que se sentem desalentados e afirmam que «isto não vai» que «nada se pode fazer».

Tal desalento ou derrotismo sempre existiu aqui ou ali e, particularmente depois de uma acção eleitoral em que alguns colocam «todas as suas esperanças», é vulgar suceder um recuo em alguns elementos menos consequentes.

Estes camaradas desalentados encontram-se sempre isolados dos seus companheiros de trabalho, que consideram «beras», não se preocupam nunca em esclarecer e orientar os seus colegas, não creem, portanto, no papel fundamental e decisivo das massas.

Aqui é que poderemos encontrar a base da sua falta de perspectivas, da sua passividade.

Mas assente na mesma raiz, tem-se espalhado a ideia de que «é preciso mudar de métodos» e aparecem camaradas a defenderem a formação de grupos «para tudo», a realização de pequenos «golpes», a necessidade de conseguir armas, e outras ideias que caracterizam o seu aventureirismo e falta de perspectivas políticas.

Muitos dos que falam em tais soluções e recursos não pretendem mais do que tapar a sua passividade ou medo, mas não há que pôr de lado que alguns defendam, sinceramente, tais processos de luta.

Interessa-nos especialmente analisar estas ideias e procurar trazer os camaradas activos para a compreensão da orientação defendida pelo Partido.

O papel das massas

No artigo de Leon Bohr «A tática do Partido e a ligação com as massas» (publicado na revista «Problemas da Paz e do Socialismo», de Janeiro de 1959 e traduzido para «O Militante» nº 100) estão postas com clareza duas ideias fundamentais para se assimilar a orientação do Partido.

A primeira refere-se à afirmação do papel decisivo das massas populares no desenvolvimento da sociedade como «o marxismo demonstrou cientificamente».

A segunda refere-se à necessidade de as massas aprenderem com a própria experiência porque «o que é claro desde há muito para os comunistas pode não o ser ainda para extensas camadas de trabalhadores».

Se não se compreendem estas duas ideias fundamentais não se dará o papel decisivo às massas ou não se procurará que as massas adquiram pela sua própria luta, a experiência de que necessitam.

É neste princípio que assenta a tática do nosso Partido, como a de todos os marxistas-leninistas, isto é, a nossa tática assenta na ligação com as massas e na sua organização e acção.

Dezenas de milhares de trabalhadores indicam o caminho

Ora o que nos dizem alguns camaradas nossos?

«Para quê lutar, se somos presos?»

«Um documento a pedir a demissão de Salazar só serve para queimar!»

O Partido tem de se convencer de que isto tem

de ir à pancada!»

«O que é preciso é armas! Posso arranjar um grupo capaz de fazer isto e aquilo!»

Tal conjunto de afirmações, se é sincero, não põe de lado a acção, desde que restrita a um pequeno grupo e com objectivos «golpistas», mas elimina a luta de massas, a luta concreta dos trabalhadores duma empresa pelas suas reivindicações económicas, sociais ou políticas.

Qual a razão porque se defendem tais ideias?

Do que se trata é que a luta de massas exige um trabalho paciente e persistente de esclarecimento, de organização e de orientação, exige confiança nas massas, enquanto que uma tarefa clandestina dum grupo é um «golpe» que se resolve só com a vontade de poucos, isolados dos seus companheiros de trabalho.

E aonde conduzem estes dois caminhos tão diversos?

O primeiro conduz à acção das massas, à experiência destas conseguida na sua própria acção, ao seu esclarecimento, à conquista dos seus objectivos de luta.

O segundo conduz ao afastamento das massas, que não lutam, que não ganham experiência, não se esclarecem, não vencem, conduz à passividade e ao derrotismo.

Mas bem melhor e com mais valor do que argumentos, falam os factos.

Enquanto determinados camaradas falam em «pequenos grupos», em «o que é preciso é armas», falam... e nada fazem, dezenas de milhares de trabalhadores recorrem às acções de massas para lutar pelas suas reivindicações mais sentidas, entre os quais devemos destacar os valentes pescadores de Matosinhos e outras terras do Norte do país que levaram a cabo a mais prolongada greve realizada em todo o período salazarista.

O caminho que devemos seguir é evidentemente o dos pescadores de Matosinhos e não o daqueles para quem as massas não prestam.

A campanha pela demissão de Salazar

Uma das consequências políticas importantes das acções de massas de 1958 foi o desmascaramento da posição de Salazar, que se tornou para o nosso povo o responsável da actual e tão nefasta situação económica e política do país.

Foi esse desmascaramento amplo de Salazar que tornou possível lançar uma campanha pelo seu afastamento político, encabeçada pela assinatura de alguns documentos que o exortam a demitir-se.

Não é demais destacar a importância desta acção, que não conhecemos em qualquer outro regime fascista.

Como resposta à campanha de assinaturas, que já recolheu alguns milhares de adesões de todos os sectores portugueses, os salazaristas viram-se obrigados a procurar assinaturas de apoio a Salazar não olhando a processos para o conseguir, desde as ameaças até à recolha de assinaturas de crianças das escolas primárias.

Pois apesar do terror salazarista existente, a actual situação política portuguesa permite já que seja mais fácil, mais possível, recolher assinaturas a pedir a demissão de Salazar do que a apoiá-lo.

E tal facto, de tão grande importância, tal facto que esclarece e define bem a desagregação dum regime

fascista, não significa nada para esses camaradas que resistem à acção das massas?

A campanha pela demissão de Salazar, que obteve já tão importantes vitórias, pode, e deve, alargar-se muito mais, pode, ganhando as formas mais diversas e adaptando-se às condições e possibilidades de cada sector, tornar-se um factor poderoso capaz de conseguir a sua saída do governo.

A aprovação de moções ou recolha de assinaturas que peçam essa demissão, a agitação ampla com inscrições e cartazes, a divulgação cada vez mais aberta dos documentos anti-salazaristas, a intensificação dos protestos contra a política salazarista e do desprezo pelas suas autoridades mais representativas que têm procurado aparecer por todo o lado, o reforçamento e alargamento das lutas mais sentidas pelas massas trabalhadoras — por aumento geral de salários e trabalho assegurado, etc.—e pelos outros sectores da nossa população—intelectuais, jovens, mulheres, militares, classes médias—o alargamento e revigoramento da luta contra a repressão e pelas liberdades democráticas e, finalmente, a preparação cuidada duma grande jornada que mobilize grandes massas do nosso povo e que poderá tomar a forma de greve geral e outras acções pacíficas de protesto, tudo são formas de lutar contra Salazar, pelo seu afastamento político.

Também enquanto alguns camaradas, não compreendendo a importância desta campanha, afirmam que a recolha de assinaturas só serve para queimar... e nada fazem, por muitos lados se recolhem assinaturas, se aprovam moções, se luta de modo a mobilizar as massas, a esclarecê-las, a permitir-lhes ganhar a sua própria experiência e a socavar o regime salazarista.

A solução pacífica

Nós, comunistas, desejaríamos que todas as transformações políticas necessárias no nosso país fossem sempre feitas o mais pacificamente possível, com o menor sofrimento e prejuízo para o nosso povo. É uma mentira, uma calúnia, dizer-se que os comunistas são pela violência.

Nós, comunistas, só aceitamos que se recorra à violência contra a violência, quando não há, de certo, outro caminho senão esse e quando estiver claro também para as massas que esse recurso extremo é necessário.

Por isso defendemos uma solução pacífica do problema português. Mas isso não significa, bem ao contrário, que se cruzem os braços, não significa mesmo que não possa haver choques, particularmente ante a repressão terrorista de Salazar.

Também não dizemos que a solução violenta está fora de toda a possibilidade. Afirmamos que «o nosso povo pode ser obrigado a responder à força com a força e à violência com a violência» (do Documento de Fevereiro da Comissão Política do Comité Central).

Se o salazarismo, ante a pressão crescente das massas, recorrer cada vez mais à violência, o nosso povo pode ser obrigado a uma luta armada e sangrenta. Mas, note-se bem, o nosso povo, as massas. E as massas só irão para essa acção se se levantarem primeiramente em acções amplas e pacíficas, se ganharem nessas ac-



ções experiência e verificarem, pela sua própria experiência, que ante a violência salazarista só se pode responder com a violência.

Também entre o caminho apontado, ou melhor, traçado pelos pescadores de Matosinhos e pelas dezenas de milhares de outros trabalhadores portugueses e o caminho apontado pelos que defendem os «pequenos grupos» e os seus golpes, é evidente que é o primeiro que arma as massas, para arrancar uma solução pacífica do problema político nacional ou que permitirá a passagem à violência se, contra todos os nossos desejos, o recurso a esta for necessário.

Entretanto afirmamos que *«presentemente não podem considerar-se esgotadas as possibilidades da solução pacífica»* (do Documento de Fevereiro da Comissão Política do Comité Central).

O caso de Cuba

O conhecimento que até muita gente tem chegado dos acontecimentos de Cuba, que concluíram com a fuga do odiado ditador Batista, têm alimentado algumas das ideias erróneas atrás apontadas.

Na verdade foram as acções militares do exército chefiado por Fidel de Castro que mais encheram as notícias dos jornais. Essas acções militares tiveram acção decisiva na evolução política de Cuba, mas somente quando tais acções se apoiaram numa ampla acção maciça da população cubana.

Enquanto as acções militares, durante anos, não saíram do marco de golpes aventureiros, enquanto a chefiada desse movimento armado se manteve afastada das massas trabalhadoras, não aceitando a colaboração e participação dos seus dirigentes, enquanto, portanto, o movimento de Fidel de Castro não assentou nas acções de massas, o ditador Batista pôde obter vitórias, torturando e assassinando patriotas cubanos.

Quando se uniram todas as forças democráticas de Cuba, quando a sua luta passou a assentar no papel decisivo das massas, então rapidamente evoluíram os acontecimentos... e o ditador fugiu—Cuba conquistou a Liberdade.

É ainda esta lição—a do factor decisivo das acções de massas—que temos de aprender no caso de Cuba.

Assentes nas acções de massas, em frente pelo afastamento de Salazar

A passividade e o aventureirismo são fruto de uma mesma descrença nas acções de massas. Tais concep-

ções devem ser condenadas e combatidas dentro do nosso Partido, pois elas não conduzem a nada de positivo na luta do nosso povo, bem ao contrário, espalham o derrotismo e a incapacidade da luta popular.

As lutas da classe operária e a resistência à política salazarista, que têm vindo a intensificar-se desde Fevereiro e mobilizam já dezenas de milhares de portugueses, são exemplos que todas as organizações do Partido devem aprender para poderem alargar mais a acção anti-salazarista e torná-la uma onda avassaladora por todo o país.

Não são só os comunistas portugueses que pensam assim. É de destacar do último documento da Junta Nacional de Libertação, as seguintes afirmações:

«Apoiem-nos, decididamente, na única força real que possuímos—o povo—, confiemos nele e guiamo-lo na luta concreta do dia a dia».

«Se reagirmos contra as violências da repressão, se denunciarmos as arbitrariedades da Pide, se protestarmos continuamente contra a Censura, se desmascarmos as mentiras da propaganda oficial, se nobos documentos e milhares de assinaturas se juntarem aos documentos de Lisboa e Braga, dos estudantes universitários e da Beira-Litoral, exigindo a demissão do principal responsável pela inquirição que alastra pelo país, a campanha nacional pela demissão do Prof. Salazar acabará por se impôr como o primeiro passo para a solução da crise nacional».

O nosso Partido aprova tal orientação. No documento de Fevereiro da C. política do C. Central afirma-se:

«Será na luta diária pelas reivindicações económicas e políticas do nosso povo, será na sua crescente amplitude, unificação e combatividade, será finalmente na preparação duma grande jornada nacional de protesto e de luta, compreendida a greve geral política, que uma tal solução (a solução pacífica) será viável».

Foram as acções de massas que geraram a actual crise do regime e criaram as actuais condições políticas no nosso país. Sem essas acções o salazarismo sentir-se-ia mais firme e seguro, não se sentiria atacado por todos os lados, não se veria obrigado a levantar actualmente como sua palavra de ordem o grito de angústia dos que estão prestes a afundar-se: «Aguentar! Aguentar!»

Serão as acções de massas que farão tremer mais e mais o salazarismo e o conduzirão à derrota.

AINDA ACERCA DAS GREVES DO COUÇO E CAMPO MAIOR

Por LEMOS

Os operários agrícolas do nosso país, que há 32 longos anos são roubados, explorados e torturados pelos grandes agrários fascistas, apoiados pelo governo salazarista, têm condensado, na sua gloriosa história de luta contra a exploração e opressão fascistas, uma rica experiência que deve ser cuidadosamente estudada, tendo em conta as novas condições de luta que se avizinham para o derrubamento do se-

lazarismo, para a conquista da terra e da democracia.

O objectivo deste artigo não é fazer um balanço das lutas travadas pelos operários do campo, mas sim extrair das grandes greves do povo do Couço, e de Campo Maior alguns ensinamentos para melhorar a nossa actividade no seio dos trabalhadores do campo.

Perguntamos: Porque foi possível no Couço irrem para a greve durante 8 dias contra a fraude eleitoral,



10 mil pessoas?

Isto não aconteceu por acaso. Se a organização do Partido estivesse desligada das massas e descrente de novas possibilidades de luta, se os camaradas da organização do Partido ficassem agarrados àquelas formas fechadas e sectárias de trabalho e de organização, não tinham ido para a greve 10.000 pessoas mas umas dezenas.

O valente povo do Couço mostrou-nos como se pode arrancar das garras da GNR e da PIDE as pessoas presas. Na véspera da greve foram presos 4 elementos, mas logo 4 mil pessoas cercaram o posto da GNR, cortaram as comunicações e libertaram os seus 4 companheiros.

No dia seguinte o povo lançou-se na greve e saíram amplas comissões, de 40, 60, 70, etc., homens e mulheres que se dirigiram para outras localidades e ranchos a chamar a malta para a greve, explicando-lhes que a greve era para todos, que todos viviam com fome e na miséria. Toda a malta aderiu à greve. Só na barragem de Montargil pararam mais de 300 pessoas. Os ranchos juntavam-se às comissões aumentando estas em centenas de pessoas.

A greve foi marcada para 8 dias e o povo só pegou ao serviço quando fez o tempo, apesar da terra ser ocupada por mais de 300 GNR e dezenas de PIDE, de haver dezenas e dezenas de prisões, espancamentos, etc.

A greve do Couço mostrou-nos que não se pode passar a formas superiores de luta sem também passar-mos a formas superiores de mobilização e de organização.

E quais foram elas?

A seguir à burla realizaram-se amplas reuniões de massas, onde com elas se discutiu a burla eleitoral, onde se apontava às massas o caminho da luta contra a burla, onde se ouviu as massas e o povo. Criaram-se amplas comissões para se deslocarem a outras localidades e ranchos, mobilizando milhares de trabalhadores para a greve.

A organização do Partido estava ligada às massas e confiante nelas, colocaram-se na vanguarda da luta e desempenharam um papel dirigente.

Como foi possível mobilizar 3 mil trabalhadores para uma greve de 15 dias em Campo Maior?

Esta importante greve do valente povo de Campo Maior também nos revelou que só passando a formas abertas e largas de mobilização se pode passar para formas superiores de luta e mobilizar milhares de pessoas. Apesar desta greve começar por reivindicações económicas, ela não deixa de ter carácter político, pois explodiu no meio da campanha eleitoral e transformou-se em luta contra a repressão.

Foi possível 3 mil trabalhadores irem para uma greve de 15 dias porque antes se realizaram amplas reuniões de massas na praça de jorna, na Casa do Povo, no campo. Organizaram-se amplas comissões que uns de bicicleta e outros a pé, se dirigiram para as herdades a chamar os ranchos que não fizeram greve a pararem também, inclusivamente as criadas de servir foram mobilizadas também para a greve. Estas comissões mobilizaram centenas e centenas de trabalhadores.

Que erros houve na condução destas greves?

Na análise objectiva a estas duas importantes greves aparecem dois erros mais graves.

O primeiro erro que mais prejudicou e impediu que o movimento alastrasse a outras regiões, tanto no Couço como em Campo Maior, foi, na verdade, ter-se perdido contacto com as organizações na altura em que explodiram as greves. A perda deste contacto prejudicou muito a condução da luta. Sem dúvida que se os camaradas responsáveis pelo trabalho neste sector não perdessem o contacto com estas localidades, não era só a região do Couço que ia para a greve, mas sem dúvida a região de Aviz, Galveias, Cabeção, Mora, Pavia, Coruche, etc.; não era só Campo Maior que ia para a greve mas Degolados, Arronches, Santa Eulália, Elvas, etc.; teriam sido mobilizadas mais dezenas de milhares de pessoas para a greve e para a luta contra o salarismo.

Da perda de contacto com estas organizações resultou o seu isolamento e portanto os meios de acção ficaram reduzidos às possibilidades locais. Toda a ajuda que podia ser prestada a tão importantes lutas não pôde ser assim efectuada.

O segundo erro na condução destas greves foi a falta de criação de comités de greve, os organismos indispensáveis para coordenar o movimento, para assegurar a direcção das greves. As comissões foram criadas de improviso, muitos dos seus elementos foram presos, outros, com o agudizar da luta, abandonaram-nas. Embora esta deficiência esteja ligada em grande parte à falta de contacto na altura em que explodiram as greves, entretanto devemos apontá-la como deficiência do nosso trabalho.

Esta experiência mostra que os camaradas responsáveis que trabalhavam neste sector não estavam a viver verdadeiramente a disposição de luta das massas, não estavam vivendo as novas condições de luta criadas com a campanha eleitoral. Perante a forte disposição de luta dos trabalhadores, perante as novas condições de luta, ficaram agarrados às velhas formas de contactos, não tomando todas as medidas, de acordo com a nova situação, no sentido de assegurar os contactos com as organizações, houvesse o que houvesse.

Ainda no campo das deficiências e erros na preparação da luta para a greve, não se apontou e explicou às massas, em reuniões portanto, a necessidade e a possibilidade de mobilizar as localidades vizinhas, os outros ranchos e até mesmo localidades e ranchos mais distantes para a greve.

O que se fez foi muito importante e positivo mas não deixa de ser justo apontar muitas coisas feitas de improviso, o que não sucederia se tivéssemos tomado medidas organizadas com as massas e com o tempo.

A experiência a ter em conta para novas lutas que se avizinham

As greves do Couço e Campo Maior são ricas em experiência, tanto para as células do nosso Partido no campo, como para as próprias massas agrícolas. A rica experiência que nos fornecem estas greves mostra-nos que para mobilizar as massas, organizá-las e conduzi-las no caminho da luta em defesa dos seus interesses, em primeiro lugar as organizações do nosso Partido devem estar ligadas às massas, têm que fazer amplas reuniões com elas, ouvi-las, confiar nelas, têm que explicar às massas o caminho da sua unidade, da luta, explicar o seu papel dirigente na luta para a sua emancipação.

Em segundo lugar, para mobilizar, unir e organizar os trabalhadores, devem-se fazer mais reuniões de massas, grandes e pequenas, organizando nessas reuniões, comissões para mobilizar e dirigir os trabalhadores na sua luta junto das Casas do Povo e das autoridades. Ter sempre em conta que as comissões ou comités de trabalhadores desempenham um papel decisivo na mobilização e direcção na luta dos trabalhadores.

As greves do Couço e Campo Maior ensinam-nos ainda que as massas unidas e organizadas numa localidade podem mobilizar e arrastar para a luta várias localidades e um rancho unido e organizado pode mobilizar e arrastar outros ranchos para a luta. Para isso deve-se ter sempre em conta as reivindicações comuns.

Numa determinada zona pode não haver condições para levar ao mesmo tempo 4 ou 5 localidades para a luta por determinada reivindicação mas basta que numa localidade as massas estejam unidas e organizadas para mobilizarem as outras localidades vizinhas, bastando seguir o exemplo do Couço e de Campo Maior.

A luta por aumento de salários, por trabalho assegurado, a

luta contra o desemprego, a luta por melhores jornadas nas ceifas, a luta pelas 8 horas, a luta por contratos de trabalho que assegurem um melhor nível de vida, etc., são reivindicações comuns a todos os operários agrícolas e abrem perspectivas e possibilidades para mobilizar todos os trabalhadores rurais na luta contra Salazar e pela Democracia.

DISCUTAMOS MAIS OS PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO

Por ZECA

Tem-se constatado, não poucas vezes, que as deficiências que existem, em grau elevado, na organização do Partido, estão ligadas à falta de discussão e a ideias não muito claras e justas sobre tão importante questão.

Tem-se procurado, mas não de uma forma sistemática, modificar tal situação intensificando a discussão sobre este assunto. Parece-nos de interesse que para «O Militante» sejam trazidas as experiências dessa discussão. Se das organizações do Partido, de qualquer escala, vierem para o nosso «O Militante» produto das suas experiências orgânicas, isso será não só uma prova de que aos problemas de organização está a ser dada a importância que tem, como servirá de ensinamento e incentivo para a melhoria desse trabalho.

É isso o que tentaremos fazer procurando chamar já a atenção para o que consideramos com maior importância.

O objectivo fundamental da organização do Partido é a acção

É natural que seja conhecida a ideia básica da importância da organização do Partido. Sem organização como se pode levar para a vida, para a prática, a orientação do Partido? Sem organização, nenhuma orientação política por mais apropriada que seja, pode ser levada à prática.

E aqui se coloca já um problema fundamental. Como é a organização que permite levar à prática a orientação do Partido e como a orientação do Partido assenta na acção das massas, o objectivo fundamental da organização é a acção.

Podemos agora pensar nas nossas organizações, na organização da nossa empresa, da nossa classe ou do nosso local e perguntamos: Está a nossa organização a cumprir o seu objectivo fundamental? Está a nossa organização estruturada e trabalha ela, em conjunto, para esse objectivo?

O que caracteriza uma boa organização nas presentes condições de clandestinidade do nosso movimento? É o possuir ligados ao Partido muitos trabalhadores, ou estarem ligados os elementos mais activos, mais combativos e orientadores duma dada empresa, classe, localidade, etc..

E o que se deve considerar como uma boa ligação ao Partido? Será o receber simplesmente os materiais do Partido e pagar a sua cotização? Ou será contribuir, em reuniões colectivas, para a análise da situação concreta do local de trabalho e para a acção a desenvolver concertada nas reuniões partidárias e nas reuniões de massas?

Ao colocar estas perguntas está-se procurando já

destacar 2 concepções opostas, uma má e outra boa, uma que corresponde ao que o Partido não deve ser e outra que corresponde ao que o Partido deve ser.

Se o nosso Partido é o Partido da classe operária, a classe que, pelas suas características revolucionárias, terá de ser a construtora e condutora de uma nova sociedade em que a exploração do homem pelo homem deixa de ter lugar, se o Partido tem, para levar por diante as suas tarefas históricas, de ser uma força disciplinada, ligada aos problemas concretos das massas e actuante, é evidente que a sua organização tem de corresponder a estas características.

Repetimos pois: A organização do Partido tem de ser uma organização ligada às massas, uma organização para a acção.

Dois exemplos concretos

Assentes nestas ideias, vejamos dois exemplos concretos.

—Em determinada localidade, onde o nosso Partido tem uma influência não pequena, observa-se que os camaradas não estão organizados por empresas ou por classes.

Por exemplo, os operários de determinado ramo industrial que, embora de empresas diferentes, têm problemas e reivindicações comuns, estão sindicalizados no mesmo sindicato, etc., estão disseminados por toda a organização, misturados com trabalhadores de outras classes, com artesãos, com pequenos comerciantes, etc.

Pode uma organização estruturada desta forma analisar convenientemente a situação concreta de determinada empresa ou classe de trabalhadores e ser a vanguarda desses trabalhadores? De certo que não.

Pode haver, numa organização deste tipo o necessário trabalho colectivo? Quais as razões para reunir um pequeno comerciante, um sapateiro e um operário conserveiro, num organismo de base do Partido, se há outros conserveiros ligados por sua vez a um barbeiro, um pequeno proprietário, etc.?

Uma tal organização dificilmente pode conduzir uma acção reivindicativa. Pode, e é o caso da organização de que falamos, recolher fundos para o Partido, pode mesmo fazer, de vez em quando, um razoável trabalho de agitação na terra, mas, embora isso seja positivo, não é o fundamental.

O que é necessário então? É necessário compreender qual o objectivo fundamental da organização e estruturá-la de acordo com esse objectivo, o que não é mais do que aplicar os Estatutos do Partido que definem como ele se organiza.

Antes de tudo criar células de empresa ou qualquer outro local de trabalho, estudo, etc.. Em seguida, no caso em questão, organizar as classes de trabalhadores

e em especial, a classe mais importante, numerosa e combativa da terra, a classe capaz, portanto, de impulsionar as mais importantes acções de massas.

Com os artesãos, pequenos comerciantes ou industriais, etc., formar também organismos que unam, na medida do possível, os militantes com interesses mais afins, principalmente interesses económicos, organismos que poderão constituir células de rua para desenvolver tarefas concretas nas associações de classe, colectividades e outras organizações de massas.

— Outro exemplo. Numa empresa importante o nosso Partido tem alguma influência e uma organização que se conta por dezenas de militantes e muitos mais simpatizantes. A célula tem o seu secretariado, que reúne regularmente, mas não tem qualquer outro organismo, qualquer núcleo a reunir com regularidade.

O secretariado desta célula, em encontros individuais com outros camaradas da célula, recolhe, com regularidade, o pagamento das cotizações. Com regularidade são distribuídos numerosos «Avantes» e outra imprensa do Partido e, praticamente toda esta imprensa é paga.

Esta acção de distribuição regular da imprensa e da recolha de fundos é sem dúvida nenhuma positiva. Mas bastará isto para considerar como boa tal organização? Será que o papel dos nossos militantes é simplesmente de distribuidores de jornais, de recebedores do seu pagamento? Evidentemente que não.

Esta célula não está cumprindo. E não está cumprindo porque as massas da empresa querem lutar pelas suas tão justas reivindicações e os camaradas mais responsáveis que constituem o secretariado, não lhes dão

qualquer ajuda, não orientam as massas.

É natural que não haja reuniões colectivas dos membros do secretariado da célula com outros camaradas, porque a distribuição do jornal e o seu pagamento pode ser feito num encontro individual. Mas se os militantes da célula tivessem de analisar o que se passa na empresa e de combinar o que fazer para orientar e conduzir os seus companheiros de trabalho — e era este o seu dever de militantes do Partido — naturalmente que já sentiriam a necessidade de reunir, de fazer trabalho colectivo, de organizar diversos núcleos na célula, de estruturar a organização da célula de modo a voltá-la para a acção.

Conclusão

Parece claro que estamos actualmente vivendo, no nosso país, um período de intensificação das lutas da classe operária, um período de intensificação da resistência à política salazarista. Mais necessariamente se torna, pelo ambiente criado, pelas possibilidades que se abrem à nossa frente e pelas responsabilidades que nós, comunistas, temos perante o nosso povo, que todas as organizações do Partido se esforcem para a acção, abandonem os seus vícios burocráticos, a sua passividade e se lancem na organização de acções de massas.

Terá muita importância que em cada organização se analise qual a contribuição que está dando para a actual intensificação das acções populares. Terá muita importância que se discutam e tomem as medidas orgânicas necessárias para permitir a maior contribuição.

COMBATEI O LIBERALISMO

Por MAO TSE-TUNG

Este artigo do camarada Mao Tse-Tung foi escrito em 1937. No momento em que o nosso Partido trava uma séria luta contra o liberalismo as palavras do camarada Mao Tse-Tung têm para nós uma flagrante actualidade. O grande Partido Comunista da China soube levar o povo chinês à vitória. Hoje, à frente dos destinos da sua pátria, conduz a vida de 650 milhões de chineses empenhados na edificação socialista do seu país.

Nós preconizamos uma luta ideológica activa, porque ela é o instrumento capaz de realizar a unidade no seio do Partido e das organizações revolucionárias, tornando-as aptas para o combate. Todos os comunistas e revolucionários devem lançar mão deste instrumento.

Porém o liberalismo renega a luta ideológica e advoga a paz sem condições, dando como resultado que tem surgido um estilo de trabalho decadente, acanhado, e que certos organismos e membros do Partido e das organizações revolucionárias começaram a degenerar politicamente.

O liberalismo manifesta-se por várias formas.

Assim, se bem que se saiba claramente que um de-

terminado elemento segue caminho errado, o facto de ele ser um velho conhecimento, um patricio, um companheiro de escola, um amigo de infância, uma pessoa querida, um velho colega ou um antigo subordinado, faz com que não se discuta com ele na base de princípios, mas pelo contrário deixa-se arrastar aquele estado de coisas afim de manter paz e amizade. Ou então aflora-se ligeiramente o assunto sem procurar uma solução cabal, com o objectivo de manter a harmonia do ambiente. Isto traz como resultado prejuízo para o organismo assim como para o elemento em questão. Tal é o primeiro tipo de liberalismo.

Cair em criticismos irresponsáveis em privado sem fazer sugestões positivas ao organismo. Nada dizer na cara das pessoas, e andar com falatórios nas suas costas; ou nada dizer numa reunião e andar a murmurar depois dela: Não cuidar dos princípios da vida colectiva mas apenas de ilimitada indulgência para consigo mesmo. Tal é o segundo tipo de liberalismo.

Pôr de lado as coisas que não nos dizem respeito directamente; achar que o melhor é dizer o menos possível a respeito de coisas que se sabe claramente estarem erradas; ser cauteloso afim de salvar a própria pele e ansioso apenas em evitar repreensões. Tal é o terceiro tipo de liberalismo.

Desobedecer a ordens e colocar as opiniões pessoais acima de tudo. Pedir especiais dipensas de trabalho do organismo, mas rejeitar a sua disciplina. Tal é o quarto tipo de liberalismo.

Empenhar-se em lutas e discussões contra pontos de vista incorrectos não no interesse da unidade, avanço ou melhoria do trabalho, mas apenas no interesse de fazer ataques pessoais, descarregar a bilis, desafogar queixas pessoais ou procurar vingança. Tal é o quinto tipo de liberalismo.

Não discutir opiniões incorrectas ao ouvi-las, e até não assinalar opiniões contra-revolucionárias, mas suportá-las calmamente como se nada tivesse acontecido. Tal é o sexto tipo de liberalismo.

Não se empenhar em tarefas de propaganda e agitação, não falar às massas ou não as auscultar e procurar saber a sua opinião, mas antes abandoná-las, sem se preocupar com as suas alegrias e desgraças; esquecer que se é comunista e comportar-se como se um comunista fosse uma pessoa qualquer. Tal é o sétimo tipo.

Não se sentir indignado em presença de acções prejudiciais aos interesses das massas, não dissuadir, deter ou tentar esclarecer a pessoa responsável por essas acções, mas pelo contrário permitir-lhe que continue. Tal é o oitavo tipo.

Trabalhar com pouco entusiasmo, sem qualquer plano ou orientação definidos; trabalhar por trabalhar e deixar ir as coisas ao sabor da corrente; «enquanto for sacristão hei-de tocar o sino». Tal é o nono tipo.

Considerar-se como pessoa que prestou serviços meritórios à revolução e arranjar ares de veterano; ser incapaz de fazer grandes coisas, mas desdenhar as pequenas tarefas; ser descuidado no trabalho e indolente no estudo. Tal é o décimo tipo.

Estar consciente dos próprios erros mas não fazer qualquer esforço para os corrigir, e adoptar uma atitude liberal para consigo próprio. Tal é o décimo primeiro tipo.

Podíamos indicar mais alguns. Mas estes onze são os principais.

Todos eles são manifestações de liberalismo.

No seio das organizações revolucionárias o liberalismo é extremamente prejudicial. É um agente corrosivo que rompe a unidade, solapa a solidariedade, provoca a inactividade e origina a discórdia. Priva as fileiras da revolução de uma sólida organização e de

estrita disciplina, impede a realização das palavras de ordem e divorcia as organizações do Partido das massas sob a sua direcção. É uma tendência extremamente perniciosa.

O liberalismo tem a sua raiz no egoísmo da pequena burguesia que põe os interesses pessoais em primeiro lugar e os interesses da revolução em segundo lugar, dando assim origem ao liberalismo ideológico, político e de organização.

Os liberais olham para os princípios do Marxismo como para dogmas abstratos. Aproximam o Marxismo mas não estão preparados para o praticar ou para o praticar integralmente; não estão preparados para substituir o seu próprio liberalismo pelo Marxismo. Esses indivíduos têm o Marxismo mas têm também o liberalismo; aplicam o Marxismo para os outros e o liberalismo para eles próprios. Têm ambas as mercadorias em armazém e a qualquer delas dão o seu uso próprio. Tal é o caminho que o pensamento de certas pessoas segue.

O liberalismo é uma manifestação de oportunismo e está fundamentalmente em conflito com o Marxismo. Tem um carácter passivo e, objectivamente, tem como consequência o ajudar o inimigo; e assim o inimigo congratula-se com a preservação do liberalismo entre nós. Sendo esta a natureza do liberalismo não deveria haver lugar para ele nas fileiras da revolução.

Devemos usar o espírito activo do liberalismo para nos sobrepormos ao liberalismo e à sua passividade. Um comunista deve ser franco, leal e activo, olhando pelos interesses da revolução como pela sua própria vida e subordinando os seus interesses pessoais aos da revolução; deve sempre e em toda a parte aderir a princípios justos e travar infatigavelmente combate contra todas as ideias e actos incorrectos, de forma a consolidar a vida colectiva do Partido e a fortalecer os laços entre o Partido e as massas; e deve-se preocupar mais com o Partido e com as massas do que com o individual, e preocupar-se mais com os outros do que consigo próprio. Somente assim poderá ser considerado um comunista.

Todos os comunistas, leais, honestos, activos e firmes, se devem unir para combater as tendências liberais que alguns de entre nós mostram, e para as orientar numa direcção justa. Esta é uma das tarefas da nossa frente ideológica.

ALOCUÇÃO DO CAMARADA JAQUES DUCLOS AO XXI CONGRESSO DO P.C.U.S.

Camaradas:

Em nome do Partido Comunista Francês e do seu Comité Central, da classe operária e das massas laboriosas de França, trago uma ardente e afectuosa saudação ao XXI Congresso do glorioso Partido Comunista da União Soviética, que decorre num ambiente exaltante de vitórias. (Aplausos).

Os resultados obtidos na União Soviética, tanto no

que respeita ao desenvolvimento industrial e agrícola, como à expansão do ensino, os progressos da ciência e o desenvolvimento da técnica suscitam em toda a parte um grande entusiasmo.

Os trabalhadores e todos os homens progressivos saudam os sucessos da União Soviética, como sendo vitórias de importância mundial.



A União Soviética avança rapidamente para os dias que marcarão de forma brilhante a esmagadora superioridade do sistema socialista.

Lançando um novo planeta à volta do sol, os sábios, os técnicos, e os operários da União Soviética, fizeram dum dos sonhos mais audaciosos do homem, uma realidade anunciadora de novas explorações científicas e técnicas.

Mostraram ao mesmo tempo o que é o poder criador do socialismo que abre à humanidade magníficas perspectivas de futuro.

A relação de forças modificou-se em favor do sistema socialista mundial. A União Soviética é forte. A China Popular é forte. Os outros países socialistas são fortes, e fraternalmente unidos. Esta força e coesão constituem uma garantia de paz para os povos.

O XXI Congresso, tomando as decisões necessárias para a realização do plano de sete anos, vai aproximar o momento histórico em que a União Soviética, à frente dos países socialistas, tomará o primeiro lugar no mundo, nos diversos domínios da actividade, de desenvolvimento do bem-estar, mostrando assim às centenas de milhões de homens e mulheres de todos os países, que eles têm interesse no advento do socialismo. (Aplausos)

As nossas calorosas felicitações e a nossa gratidão vão para o grande Partido de Lénine, para o Partido Comunista da União Soviética que inabalavelmente fiel aos princípios do marxismo-leninismo, organizou e conseguiu à frente do povo soviético, brilhantes vitórias que preparam muitas outras, como sobressai do importante relatório do camarada Kroutchev.

Um contraste cada vez mais surpreendente, se estabelece entre a situação na União Soviética e a situação nos países capitalistas.

No país dos soviéticos, onde se assiste a um magnífico desabrochar da democracia socialista, o nível de vida das massas não cessa de se elevar, enquanto que se aproxima a perspectiva da semana de 5 dias com 35 e 30 horas de trabalho.

Pelo contrário, nos países capitalistas, onde a recessão económica exerce os seus danos, e principalmente em França, assiste-se ao reforço da exploração dos trabalhadores que vêm traduzir-se cada vez mais brutalmente em factos a realidade da sua pauperização.

A isto junta-se o agravamento das condições de existência do conjunto da população laboriosa das cidades e dos campos, enquanto que as liberdades democráticas são gravemente atingidas e aparece a ameaça do fascismo.

É no meio de tais dificuldades que o nosso Partido prossegue o seu combate, associando estreitamente, nas suas preocupações, a defesa dos verdadeiros interesses da nação, inseparáveis dos interesses do povo, e a fidelidade inquebrantável aos princípios do internacionalismo proletário.

Como se sabe, em consequência do golpe de força organizado em Argel em 13 de Maio último, pelos colonialistas militares e civis um governo saído desta operação, de carácter fascista, foi constituído em França em 1 de Junho passado.

Era possível, se a unidade de acção tivesse sido realizada, impedir uma tal evolução da situação. Mas as aspirações à unidade de luta da classe operária foram quebradas pela política de divisão dos dirigentes socialistas graças aos quais o general De Gaulle pôde subir ao poder servindo-se das correntes chauvinistas e colonialistas que estes mesmos dirigentes socialistas das direitas tinham grandemente contribuído para desenvolver.

No decorrer da sua existência, o nosso Partido conduziu um combate encarnado contra o colonialismo, gerador duma ideologia de chauvinista e racista.

O nosso Partido foi sempre solidário com os povos em luta para se livrarem da opressão colonialista. Nunca recuou, nem diante dos golpes da repressão, nem diante de certas incompreensões, não hesitando em ir contra a corrente se as circunstâncias o exigiam.

Com a crise de sistema colonial que abalou o antigo império colonial francês, a luta contra o colonialismo tornou-se mais complicada.

Foi assim que os nossos esforços para convencer a classe operária e o povo de França do carácter injusto das guerras coloniais, esbarraram com mais dificuldade na luta contra a guerra na Argélia, do que as que tinham encontrado na acção contra a guerra do Vietnam.

Depois das eleições de 2 de Janeiro de 1956, numerosos franceses acreditaram que a guerra da Argélia ia acabar, mas os dirigentes socialistas colocados na direcção do governo, empenharam-se na via da continuação desta guerra, e desencadearam a operação do Suez tomando sobre si os piores argumentos chauvinistas e colonialistas, que se entretiveram a propagar numa parte da classe operária.

O nosso Partido fez grandes esforços e foi tão longe quanto possível na via de apoio ao governo de direcção socialista, para ajudar os trabalhadores socialistas a fazer pressão sobre os seus dirigentes no sentido de impor a paz na Argélia pela negociação.

Os nossos esforços repetidos, as propostas renovadas, não conseguiram fazer triunfar a ideia da paz negociada. Contudo a lassitude da guerra acentuava-se e a ideia da negociação abria caminho quando os ultra-colonialistas de Argel, apressaram as coisas organizando um golpe de força de 13 de Maio e os simulacros de fraternização de que se dizia falsamente que anunciavam o fim da guerra da Argélia.

Ora a guerra da Argélia continua. Tal é o resultado da política dos dirigentes dos monopólios capitalistas. É certo que essas pessoas, principalmente os petrolíferos, que pensam antes de tudo na exploração das riquezas do Sahará, queriam que esta guerra acabasse, mas a situação não sofreu até ao presente mudança fundamental ainda que as suas vistas sejam um pouco diferentes das dos «ultras».

Sem dúvida as recentes medidas de amnistia exprimam o desejo que os grupos monopolistas têm de procurar uma saída para a situação actual, mas o que conta em definitivo, é que o governo continua a opor-se ao que é essencial.



Com efeito a recusa oficial de toda a negociação sobre o estatuto político da Argélia com a F.L.N. não pode ter outro resultado senão a continuação da guerra da Argélia, cada dia mais mortífera.

Para tentar fazer admitir a sua política, os grupos de inspiração colonialista e fascista, associam a ideia da integração da Argélia à França, à noção de grandeza francesa.

Em face de tais sofismas o nosso Partido mostra que pelo contrário a guerra da Argélia está em oposição com os verdadeiros interesses da nação.

Com efeito, esta guerra, não atinge somente o prestígio mundial da França; é ruínosa para a economia francesa. Além disso obriga o governo francês a agravar o seu estado de dependência em relação aos Estados Unidos e a pedir dinheiro emprestado à Alemanha de Bonn que exige o alinhamento da França com a sua política externa.

Os factos mostram que se o colonialismo é lucrativo para os monopólios capitalistas, em contrapartida é um factor de guerra, de miséria, de reacção e de alienação da independência nacional da França.

Com efeito, as consequências económicas e financeiras da guerra da Argélia desempenharam um papel importante na realização dum acordo entre o governo francês e o governo da República Federal Alemã e na aplicação do mercado comum.

Esta decisão, exprime sem dúvida alguma a vontade de criar no coração da Europa e sob a direcção de poderosos monopólios capitalistas, um bloco de Estados de inspiração reaccionária e obscurantista em que uma das preocupações será trabalhar pela liquidação das conquistas sociais dos trabalhadores e pela destruição das instituições democráticas dos países capitalistas da Europa ocidental.

Além disso, uma tal aliança tomando corpo no momento em que o militarismo da Alemanha ocidental dispõe duma influência crescente no seio da O.T.A.N. é de natureza a pôr obstáculos á resolução do problema de Berlim e do problema alemão a propósito dos quais a União Soviética fez propostas que permitiam chegar a uma solução conforme com os interesses dos povos e com as exigências da salvaguarda da paz.

A política na qual a França está comprometida perante o governo de Adenauer funda-se sobre a cooperação com os militaristas da Alemanha ocidental que com desprezo dos acordos de Paris, exigem ser equipados com armamentos atómicos.

E durante este tempo, em lugar de se pronunciar pela interdição das experiências nucleares e pelo desarmamento, incluindo o desarmamento atómico, como o exige o interesse da nossa pátria, os governantes franceses apoiam o estado maior de Bonn e preparam-se para fabricar bombas atómicas.

Assim, os homens que governam a França esquecem as lições da História, e regressando aos pretextos anti-soviéticos que favoreceram os hitlerianos, fazem praticamente o jogo do militarismo da Alemanha ocidental ressurgido das suas cinzas.

Uma tal situação constitui um perigo tanto maior

para a paz da Europa e do mundo quanto o governo de Adenauer dispõe no plano financeiro de sérios meios de pressão sobre o governo francês e por isso nós estamos muito atentos neste domínio ao desenvolvimento e à marcha dos acontecimentos. As despesas militares e principalmente as que resultam da guerra da Argélia pesam fortemente sobre os ombros da classe operária da França que, ainda por cima, em virtude da recessão económica vê multiplicarem-se as reduções de horários de trabalho e os despedimentos.

Em tais condições, as medidas tomadas pelo governo para aumentar os impostos pagos pela massa dos trabalhadores são duramente sentidas e provocam uma inquietação bem compreensível. E esta ofensiva do grande capital, se visa em primeiro lugar a classe operária, é também dirigida contra outras camadas da população laboriosa. Ela visa também as pequenas e médias explorações agrícolas, com a vontade confessada de fazer desaparecer cerca de 800.000.

E ela é dirigida igualmente contra os artesãos, os comerciantes e as pequenas e médias empresas sobre quem pesa a dupla ameaça da redução do poder de compra das massas laboriosas e da concorrência resultante do mercado comum.

Nós devemos, como o precisava a declaração comum dos representantes dos partidos comunistas e operários dos 12 países socialistas adoptada em Moscovo em Novembro de 1957 e aprovada pelos outros partidos comunistas e operários, que as contradições se agravam entre a burguesia monopolista e todos os camadas da nação.

Utilizando a intimidação e a chantagem da guerra civil, os colonialistas e os fascistas reunidos sob a bandeira do gaulismo, chegaram à instauração em França dum sistema de governo em que subsistem apenas as aparências do regime parlamentar, com uma Assembleia Nacional que não é mais do que uma caricatura da representação nacional. Trata-se de um sistema vazio de todo o conteúdo democrático e trazendo em si a ameaça do fascismo.

Os meios dirigentes da burguesia francesa que falavam de bom grado de « liberdade » e de « democracia » acabam assim por renunciar aos métodos parlamentares de governo que teriam tornado mais difícil a aplicação da sua política de guerra, de miséria e de reacção.

Isto não poderá ser considerado como um sinal de força, mas como reflexo de sérias dificuldades provocadas especialmente pela crise profunda do sistema colonialista.

Enquanto que a classe operária considera como possível em certas condições a passagem para o socialismo por vias pacíficas, incluindo a via parlamentar, os dirigentes dos monopólios capitalistas liquidam os métodos do governo da democracia burguesa e tomam mais abertamente mais cinicamente em mão, a direcção dos negócios públicos.

A situação em França não pode ser isolada do seu contexto europeu e compreende-se que os trabalhadores e democratas dos países interessados se sintam



solidários em presença dum perigo que os ameaça a todos.

Quanto ao nosso Partido, consciente das suas responsabilidades diante do povo da França tem como preocupação essencial concentrar a acção da classe operária e das camadas da população vítimas da política de guerra, de miséria e de reacção contra os grupos monopolistas inspiradores dessa política.

É esta uma tarefa capital que se não fosse prosseguida com a perseverança necessária, poderia permitir à demagogia fascista abusar das vítimas da política governamental ditada pelos dirigentes dos monopólios capitalistas.

E o cumprimento desta tarefa exige uma intensa actividade do nosso Partido que durante o último período não cessou de dar o exemplo duma oposição resoluta e consequente às empresas anti-democráticas dos homens da reacção e do fascismo (Aplausos).

Evidentemente, as ilusões nascidas da demagogia nacional e social desenvolvida pelas organizações e pelos homens exigindo o poder pessoal não desapareceram ainda, mas notam-se as primeiras mudanças.

Se Guy Mollet e os dirigentes socialistas abandonaram o governo e decidiram fazer uma oposição que eles querem mais formal do que real, os trabalhadores socialistas serão conduzidos a agir duma forma diferente.

É sem dúvida por causa disto que os dirigentes socialistas se esforçam por analisar as correntes de oposição que se vão manifestar no seu Partido. Querem continuar a pôr obstáculos à realização da unidade de acção indispensável dos trabalhadores socialistas e comunistas e do conjunto dos trabalhadores. Uma tal situação exige de nós esforços muito grandes, prosseguidos com perseverança com vista a unir a classe operária na acção e a conjugar a sua acção com a das outras diversas camadas sociais da nação, numa mesma batalha contra os monopólios capitalistas para os isolar e obrigar a recuar.

Esta é a via a seguir para acabar com a guerra da Argélia, fazer subir o nível de vida do povo, fazer triunfar uma política de paz, reduzir massivamente as despesas militares.

Evidentemente, o nosso Partido vai deparar com enormes dificuldades mas fará face com honra às tarefas que lhe incumbem e fa-lo-há num espírito de fidelidade absoluta aos princípios do marxismo-leninismo.

Ao longo de todo o ano passado o nosso Partido, aplicando as decisões do seu XIV Congresso lutou tenazmente para berrar o caminho aos homens da reacção e do fascismo.

A justa política de unidade de luta da classe operária e de unidade das forças democráticas seguida pelo Partido é aprovada pelos militantes e organizações comunistas e é cada vez melhor compreendida pelos trabalhadores e democratas, incluindo grande número dos que se tinham deixado desviar pela propaganda inimiga.

Tão grandes responsabilidades pesam sobre o nosso Partido, que para poder levar a sua tarefa a bom termo, necessita estar unido — o que exige que seja

impiedosamente combatido tudo o que possa prejudicar a unidade das nossas fileiras.

É neste espírito que nós lutamos, como os outros partidos marxistas-leninistas irmãos, contra as tentativas revisionistas que se dão à escala internacional e contra as tendências e manifestações oportunistas e capitulacionistas que encontram um terreno de desenvolvimento particularmente favorável nos períodos em que os combates se tornam mais duros e por isto mesmo mais importantes para o futuro do movimento operário.

E se consideramos que é indispensável lutar vigorosamente contra o revisionismo, não perdemos de vista que é também indispensável combater as correntes de estreiteza sectária que se manifestam em consequência das condições da nossa luta e que, se não forem vigorosamente contrariadas, prejudicariam os nossos esforços para a realização da unidade de acção da classe operária e das forças democráticas.

O nosso Partido é sólido; ficou de pé durante a tempestade e nas últimas eleições reuniu à sua volta perto de quatro milhões de franceses e de francesas.

Hoje o povo da França começa a ver, e amanhã ve-lo-há ainda melhor, que foi vítima dum verdadeiro abuso de confiança da parte dos homens no poder.

E o que ninguém pode fazer esquecer é que o nosso Partido Comunista Francês teve não só o mérito de ter discernido a verdade e de ter previsto o que hoje acontece, mas também a coragem de dizer a verdade ao povo, chamando-o à união e à acção.

No que respeita ao futuro, nós temos confiança no povo da França e nos destinos do nosso país. E é intensificando a nossa actividade unitária que conduziremos as massas populares de França a novas lutas para conseguir o fim da guerra da Argélia pela negociação com os argelinos que se debatem pela independência do seu país, e pela realização duma política de independência nacional e de paz, por uma política de renovação democrática e de progresso social. (Vivos aplausos).

Camaradas, estamos ainda mais certos da vitória da classe operária das forças populares sobre a reacção e o fascismo, assim como da vitória da nossa grande causa, vendo este magnífico Congresso que mostra o poder irresistível do comunismo. (Aplausos).

Saudando-vos, camaradas delegados ao Congresso, queremos manifestar o nosso orgulho de sermos comunistas, de sermos os combatentes duma grande causa pela qual lutam homens e mulheres de todos os países com a convicção profunda que o comunismo, que é o humanismo do mundo moderno, é a esperança e o futuro da humanidade.

Viva o XXI Congresso dos edificadores do comunismo. (Vivos aplausos)

Viva o glorioso Partido Comunista da União Soviética para quem vai a gratidão e a confiança do movimento operário e comunista mundial! (Aplausos)

Viva a unidade marxista-leninista dos Partidos Comunistas e Operários!

Viva a doutrina invencível de Marx e de Lênine! Viva o Comunismo! (Vivos e prolongados aplausos, todos se levantam.)